

*DESCONCENTRAÇÃO INDUSTRIAL E
PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO: COOPERATIVAS
DE PRODUÇÃO DO VESTUÁRIO NO BRASIL¹*

*Jacob Carlos Lima
Departamento de Ciências Sociais
Universidade Federal da Paraíba*

1. Reestruturação produtiva e terceirização

A busca de competitividade frente aos mercados internacionais implicou no processo de reestruturação do parque industrial brasileiro, com a adoção de estratégias de redução de custos pela modernização de plantas industriais, fechamento de unidades de produção, desconcentração espacial e redução da mão de obra ocupada. Responde assim, aos ditames da nova fase do desenvolvimento do capitalismo, ou novo paradigma produtivo, conhecido como especialização flexível.

Tendencialmente, as novas tecnologias produtivas e de gestão do trabalho acarretam a extinção de numerosos postos de trabalho e o surgimento de um novo perfil do trabalhador, mais escolarizado e facilmente adaptável ao ritmo das transformações tecnológicas. Contudo, dada a heterogeneidade dos mundos da produção e do trabalho, as mudanças ocorrem em velocidades distintas, variando conforme o ramo da produção ou mesmo setor da economia.

A nova fábrica, deste fim de século, é a fábrica enxuta, de menor tamanho, com alto grau de informatização e com pessoal mínimo de manutenção. Serviços auxiliares da produção, gargalos dessa produção e partes consideradas não centrais são terceirizados para outras fábricas especializadas criando redes de fornecedores de produtos e serviços. No limite, tem-se a fábrica modular onde vários produtores montam a mercadoria. A empresa “primeira” cuida da concepção do produto e dos procedimentos de sua fabricação mas não os executa: controla a sua fabricação.

A terceirização da produção e a flexibilização das relações de trabalho constituem-se em formas paradigmáticas da organização da produção na atual fase do capitalismo. Segundo Faria, ao analisar os processos de terceirização no país, existiriam dois modelos de terceirização. No primeiro, vigente nos países industrializados, haveria uma política relacional entre as empresas que se concentrariam em seus

*DESCONCENTRACIÓN INDUSTRIAL Y
PRECARIZACIÓN DEL EMPLEO: COOPERATIVAS
DE PRODUCCIÓN DEL VESTUARIO EN BRASIL²*

*Jacob Carlos Lima
Departamento de Ciências Sociais
Universidade Federal da Paraíba*

1. Reestructuración productiva y subcontratación

La búsqueda de competencia frente a los mercados internacionales ha implicado, en el proceso de reestructuración del parque industrial brasileño, la adopción de estrategias de reducción de costos por la modernización de plantas industriales, cierre de unidades de producción, desconcentración espacial y reducción de la mano de obra ocupada. De esta manera, se responde a los dictámenes de la nueva fase del desarrollo del capitalismo, el nuevo paradigma productivo, conocido como especialización flexible.

Tendencialmente, las nuevas tecnologías productivas y de gestión acarrearán la extinción de innumerables puestos de trabajo y la aparición de un nuevo perfil del obrero, con mayor escolaridad y fácilmente adaptable al ritmo de las transformaciones tecnológicas. Sin embargo, dada la heterogeneidad de los mundos de la producción y del trabajo, los cambios ocurren a velocidades distintas, variando conforme el ramo de la producción o el sector mismo de la economía.

La nueva fábrica, de este fin de siglo, es la fábrica "mínima", de menor tamaño, con alto grado de informatización y con el mínimo de obreros en la mantención. Servicios auxiliares de la producción, nudos de esa producción y partes consideradas no centrales son subcontratadas por otras fábricas especializadas creando redes de proveedores de productos y servicios. En el límite, existe la fábrica modular donde varios productores montan mercadería. La empresa "primera" cuida de la concepción del producto y de los procedimientos de su fabricación pero no los ejecuta: controla su fabricación.

En la actual fase del capitalismo, la subcontratación de la producción y flexibilización de las relaciones de trabajo constituyen las formas paradigmáticas de la organización de la producción. Según Faria, al analizar los procesos de subcontratación en el país, existirían dos modelos. En el primero, vigente

¹ Comunicação apresentada na session LAB02 for the Latin American Studies Association, XXI International Congress, Chicago, september, 1998. Pesquisa realizada pela Universidade Federal da Paraíba com apoio da FINEP e CNPq.

² Comunicación presentada en la sesión LAB02 for the Latin American Studies Association, XXI International Congress, Chicago, september, 1998. Investigación realizada en la Universidade Federal da Paraíba con apoyo de FINEP y CNPq.

produtos estratégicos e passariam as tarefas consideradas secundárias para outras empresas que nelas se especializariam. Nesta situação, o conceito de terceirização (outourcing) seria sinônimo de parceria (partnership). Os parceiros teriam em comum a busca de qualidade, de produtividade e de competitividade, resultando em maior racionalidade na produção e, em consequência, na redução de custos. Os avanços tecnológicos e gerenciais beneficiariam todas as empresas que compusessem a rede. No segundo, chamado de outsourcing tupiniquim, haveria a redução de custos de produção pela redução da mão de obra ocupada e pela precarização das relações de trabalho. As empresas terceiras passam a gerir aqueles setores de produção de maior ocupação de trabalhadores, pagando salários menores, eliminando benefícios sociais, enfim, “enxugando” gastos com pessoal.

Messner(1996) destaca a possibilidade de formação de redes virtuosas entre empresas parceiras que comporiam uma cadeia produtiva: a transferência de tecnologia entre empresas teria um efeito cascata elevando a qualidade e produtividade de toda cadeia, beneficiando os trabalhadores por meio da elevação de qualificação, de exigências de escolaridade, etc. As redes virtuosas, todavia, estão condicionadas à existência de certa igualdade entre as empresas envolvidas ou ainda o desenvolvimento de uma cultura empresarial, o que, pelo menos no caso brasileiro, raramente acontece³.

A flexibilização das relações de trabalho pressupõe a eliminação de entraves à contratação e demissão de pessoal, assim como a redução de gastos com direitos sociais: recolhimento de impostos para previdência social, assistência médica etc. A discussão sobre a flexibilização tem como referência o Welfare-State, o estado providência do capitalismo avançado, dominante na Europa Ocidental e América do Norte até a década de 80 com elevada proteção social aos trabalhadores e forte presença sindical.

No Brasil, a discussão sobre flexibilização parte do princípio de que existe uma rigidez na legislação que não corresponde à realidade. A CLT, a partir de sua criação na década de 40, beneficiou os trabalhadores dos setores urbano-industriais “modernos” da economia, sendo estendido aos demais trabalhadores somente nos anos 80. Sua aplicação efetiva limitou-se de forma genérica a esses mesmos setores e a regiões do país com maior desenvolvimento econômico. Ainda hoje, o cumprimento da legislação é problemática, começando

en los países industrializados, habría una política relacional entre las empresas que se concentrarían en sus productos estratégicos y pasarían las tareas consideradas secundarias para otras empresas que en ellas se especializarían. En esta situación, el concepto de subcontratación (outsourcing) sería sinónimo de **parcería (partnership)**. Los parceros tendrían en común la búsqueda de calidad, de productividad y de competencia, resultando en mayor racionalidad en la producción y, en consecuencia, en la reducción de costos. Los avances tecnológicos y gerenciales beneficiarían a todas las empresas que compusieran la red. En el segundo, llamado de **outsourcing tupiniquim**, habría la reducción de costos de producción por la reducción de la mano de obra ocupada y por la precarización de las relaciones de trabajo. Las empresas subcontratadas pasan a gerenciar aquellos sectores de producción de mayor ocupación de trabajadores, pagando sueldos menores, eliminando beneficios sociales, en fin, reduciendo gastos con mano de obra.

Messner (1996) destaca la posibilidad de formación de redes virtuales entre empresas parceiras que compondrían una cadena productiva: la transferencia de tecnología entre empresas tendría un **efecto cascada** elevando la calidad y productividad de toda la cadena, beneficiando a los trabajadores por medio de la elevación de calificación, de exigencias de escolaridad, etc. Las redes virtuales, sin embargo, están condicionadas a la existencia de cierta igualdad entre las empresas involucradas o incluso el desarrollo de una cultura empresarial, lo que, por lo menos en el caso brasileño, raramente acontece⁴.

La flexibilización de las relaciones de trabajo presupone la eliminación de obstáculos a la contratación y despido de personal, así como la reducción de gastos con derechos sociales: recaudación de tasas para la seguridad social, asistencia médica, etc. El debate sobre la flexibilización tiene como referencia el **Welfare-State**, el "estado providencia" del capitalismo avanzado, dominante en Europa Occidental y América del Norte hasta la década de los ochenta con elevada protección social a los trabajadores y fuerte presencia sindical.

En Brasil, el debate sobre flexibilización parte del principio de que existe una rigidez en la legislación que no corresponde a la realidad. La CLT (Consolidación de las leyes del trabajo), a partir de su creación en la década de 40, ha traído beneficios a los trabajadores de los sectores urbano/industriales

³ Essa situação, no caso brasileiro, é demonstrada em pesquisas recentes por Leite(1997), e Abreu, Gitahy et al(1997).

⁴ Esa situación, en el caso brasileño, es demostrada en investigaciones recientes de Leite (1997), y Abreu, Gitahy et al (1997).

pelo próprio Estado que a desobedece. Basta lembrar que prefeituras do interior do país raramente pagam o salário mínimo e as empresas possuem formas diversas de burlar a lei, como por exemplo, períodos de experiência sem registro, sonegação de recolhimentos de encargos sociais, entre outros.

Os maiores entraves à demissão dos trabalhadores foram eliminados pelo regime militar em 1965, que alterou a legislação trabalhista extinguindo a estabilidade no emprego e a necessidade de pagamento de indenização e com a criação do FGTS.

Em que pese o país ter um salário mínimo considerado internacionalmente dos mais baixos, o custo da mão de obra no mercado formal é visto como pouco competitivo por setores empresariais, dado os numerosos encargos sociais que, em tese, o encareceriam. Apoiados pelo Estado, estes setores buscam modificar a legislação em nome da necessidade de maior flexibilização na legislação vigente, com a redução ou eliminação desses encargos. Na prática, o fim dos encargos e dos direitos a eles acoplados, apenas generalizaria uma situação comum à maioria dos trabalhadores que sobrevivem na informalidade, ou em empregos considerados de má qualidade.

2. A nova forma de trabalho terceirizado: as cooperativas de trabalho

A redução de custos através da utilização de mão de obra barata e pouco organizada reflete-se no aumento da mobilidade espacial das empresas dentro do país. As grandes cidades do Sul e Sudeste assistem à transferência de plantas industriais para cidades menores do interior, para outros estados e regiões.

O abandono do caráter centralizador do Estado e a inexistência de uma política industrial levou a uma verdadeira guerra fiscal entre os diversos estados da federação visando atrair empresas com incentivos que vão da renúncia de impostos até, praticamente, a montagem da fábrica, o fornecimento da infra-estrutura e mesmo o pagamento de parte do salário dos trabalhadores durante determinado tempo.

Nesse contexto, o Nordeste conta com a vantagem da localização geográfica próxima dos mercados do hemisfério norte, mão de obra farta, barata e pouco organizada. Com isso, vem atraindo os setores que utilizam largamente trabalho intensivo, mesmo com as inovações tecnológicas-organizacionais e também os mais afetados com a abertura das importações: têxtil e vestuário.

"modernos" de la economía, que se extiende a los demás trabajadores sólo en los años ochenta. Su aplicación efectiva se limitó de forma genérica a esos mismos sectores y a regiones del país con mayor desarrollo económico. Aún hoy, el cumplimiento de la legislación es problemática, empezando pelo propio Estado que la desobedece. Basta recordar que ayuntamientos de pequeñas ciudades en el interior del país raramente pagan el salario mínimo y las empresas poseen formas diversas de burlar la ley, como por ejemplo, periodos de trabajo sin contrato laboral y por lo tanto, sin pagos de tributos.

Los mayores obstáculos para el despido de los trabajadores fueron eliminados por el gobierno militar en 1965, que alteró la legislación obrera extinguendo la estabilidad en el trabajo y la necesidad de pago de indemnización y con la creación del FGTS.

A pesar del país adoptar un salario mínimo considerado internacionalmente de los más bajos, el costo de la mano de obra en el mercado formal es visto como poco competitivo por sectores empresariales, dado las numerosas tasas que, en teoría, lo encarecerían. Apoyados por el Estado, estos sectores buscan modificar la legislación en nombre de la necesidad de mayor flexibilización en la legislación vigente, con la reducción o eliminación de esas tasas. En la práctica, el fin de las tasas y de los derechos a ellas acoplados, sólo generalizaría una situación común a la mayoría de los trabajadores que sobreviven en la informalidad, o en empleos considerados de mala calidad.

2. La nueva forma de trabajo subcontratado: las cooperativas de trabajo

La reducción de costos a través de la utilización de mano de obra barata y poco organizada está reflejada en el aumento de la movilidad espacial de las empresas dentro del país. Las grandes ciudades del Sur y Sudeste asisten a la transferencia de plantas industriales para ciudades menores o pueblos del interior, para otros estados y regiones.

El abandono del carácter centralizador del Estado y la inexistencia de una política industrial llevó a una verdadera guerra fiscal entre los diversos estados de la federación objetivando atraer empresas con incentivos que van desde la renuncia de impuestos hasta, prácticamente, el montaje de la fábrica, o provisión de infraestructura y hasta el pago de parte del sueldo de los trabajadores durante determinado tiempo.

En ese contexto, el Nordeste cuenta con la ventaja de la localización geográfica próxima a los

Os projetos de industrialização, capitaneados pela SUDENE nos anos 60/70, levaram numerosas fábricas vindas de outras regiões do país a se instalarem no Nordeste. Algumas permaneceram e se modernizaram, outras fecharam suas portas nas sucessivas crises econômicas da década de 80. Nos anos 90, assiste-se a um novo surto migratório de indústrias para a região em busca de condições de produção que lhes garantam competitividade no mercado internacional.

O setor do vestuário (confeções e calçados) é um dos setores industriais mais globalizados, o que permite que uma peça concebida num determinado país, tenha componentes fabricados em vários outros, dado o baixo valor agregado de seus produtos, sendo um dos que menos exige investimentos em unidades produtivas. Todavia é um dos setores industriais que mais utiliza mão de obra no acabamento, considerado o gargalo da produção. As exigências com relação à escolarização e qualificação dessa mão de obra são mínimas, o que favorece, sem grandes custos, o deslocamento espacial de unidades produtivas.

3. Cooperativas de produção e /ou trabalho.

O “novo” formato das cooperativas de trabalho no Brasil surgiu de uma modificação da CLT sugerida pelo Movimento dos Sem Terra (MST) e encaminhada pelo Partido dos Trabalhadores ao Congresso Nacional, visando beneficiar os trabalhadores assentados em projetos de reforma agrária. Trata-se do parágrafo único, do artigo 442, da CLT, que afirma não existir vínculo empregatício entre a cooperativa e o associado e nem entre esse e os contratadores de serviços. Esse parágrafo possibilitou o surgimento “legal” de um novo tipo de cooperativismo induzido “de cima para baixo” criado em diversas instâncias institucionais no qual os trabalhadores são apenas recrutados. Longe, portanto, das propostas do movimento cooperativista iniciado em 1844 na Inglaterra com a fundação de uma sociedade de consumo voltada para as camadas trabalhadoras, atendendo a finalidades estritamente sociais e, posteriormente, diversificando sua atuação com o surgimento de cooperativas de produção e trabalho, agrícolas, habitacional, de saúde, de crédito, etc.

Históricamente, as cooperativas de trabalho, tem sido organizadas em períodos de crises econômicas e desemprego e mantendo-se por tempo limitado. RAYMOND(1986) relata várias experiências ocorridas na Europa, e seu desaparecimento em momentos de estabilidade e/ou crescimento econômico. No Brasil, situações típicas de formação de cooperativas de trabalho resultam de falências de empresas, quando os

mercados del hemisferio norte, mano de obra abundante, barata y poco organizada. Con eso, atrae los sectores que utilizan el trabajo intensivo, incluso con las innovaciones tecnológicas/organizacionales y también los más afectados con la abertura de las importaciones: textil y vestuario.

Los proyectos de industrialización, capitaneados por la SUDENE en los años 60 y 70, llevaron numerosas fábricas de otras regiones del país a instalarse en el Nordeste. Algunas permanecieron y se modernizaron, otras cerraron sus puertas en las sucesivas crisis económicas de la década de 80. En los años 90, se assiste a un nuevo “boom” migratorio de industrias para la región en búsqueda de condiciones de producción que garanticen competencia en el mercado internacional.

El sector del vestuario (confecciones y calzados) es uno de los sectores industriales más globalizados, lo que permite que una pieza concebida en un determinado país, tenga componentes fabricados en varios otros, dado el bajo valor agregado de sus productos, uno de los que menos exige inversiones en unidades productivas. Sin embargo, es uno de los sectores industriales que más utiliza mano de obra en el acabado, considerado el nudo de la producción. Las exigencias respecto a la escolaridad y calificación de esa mano de obra son mínimas, lo que favorece, sin grandes costos, el desplazamiento espacial de unidades productivas.

3. Cooperativas de trabajo industriales.

El "nuevo" formato de las cooperativas de trabajo en Brasil surgió de una modificación de la CLT sugerida por el Movimiento de los Sin Tierra (MST) y encaminhada por el Partido de los Trabajadores al Congreso Nacional, con la intención de beneficiar a los trabajadores asentados en proyectos de reforma agraria. Se trata del párrafo único, del artículo 442, de la CLT, que afirma no existir vínculo laboral entre la cooperativa y el asociado y tampoco entre ese y los contratadores de servicios. Ese párrafo posibilitó la aparición "legal" de un nuevo tipo de cooperativismo inducido "de arriba hacia abajo" creado en diversas instancias institucionales en las cuales los trabajadores son sólo reclutados. Lejos, por tanto, de las propuestas del movimiento cooperativista iniciado en 1844 en Inglaterra con la fundación de una sociedad de consumo orientada para las camadas trabajadoras, atendiendo a finalidades estrictamente sociales y, posteriormente, diversificando su actuación con la aparición de cooperativas de producción y trabajo, agrícolas, habitacional, de salud, de crédito, etc.

funcionários assumem a sua gestão. Nos casos em que o empreendimento tem sucesso, a tendência é a transformação da cooperativa em empresa com a contratação de trabalhadores assalariados⁵.

Com a mudança da legislação, a partir de 1988, numerosas cooperativas de trabalho têm surgido no país reunindo taxistas, professores, e profissionais diversos, geralmente de prestação de serviços especializados. Outras cooperativas, mais polêmicas, tem agrupado trabalhadores rurais e trabalhadores industriais, que passam a vender serviços para agro-indústrias e fábricas. O caráter polêmico decorre da pouca nitidez, na diferenciação entre trabalho associado e trabalho assalariado, entre autonomia e subordinação.

Ao contrário do assalariamento que parte de uma relação desigual de compra e venda da mercadoria força de trabalho, tendo como pressuposto a subordinação desta ao capital, assim como a apropriação privada dos resultados do trabalho, o cooperativismo postula que a adesão à cooperativa deve ser voluntária e livre; deve possuir gestão democrática na qual cada participante representa um voto; todos os objetivos e metas devem ser decididos pela maioria; a participação econômica dos membros é igualitária, ou seja, todos os membros contribuem com a mesma quantia na formação do capital da cooperativa; os lucros devem ser divididos por todos os sócios em função do número de cotas que dispõem e parte dele reinvestido na cooperativa, em decisão tomada em assembléia; a autonomia da cooperativa deve ser garantida em todos os acordos firmados com outras organizações e empresas, além conter de princípios de ordem ética, social e educacional⁶.

As cooperativas de trabalho industrial estão se constituindo numa alternativa de terceirização e redução de custos com a mão de obra. No Nordeste, elas surgem da parceria entre estado-empresas que as organizam, instituindo-se em política oficial de atração de novas indústrias para a região. A parceria dá-se entre empresas interessadas e diversas instâncias do Estado - governos estaduais e municipais, fundos federais e órgãos como SENAI e SEBRAE - situando-se, em sua maioria, em pequenas cidades do interior desprovidas de atividades econômicas significativas. As empresas instalam centros de distribuição nessas cidades com um reduzido número de funcionários que cuidam da

Históricamente, las cooperativas de trabajo, han sido organizadas en períodos de crisis económicas y desempleo, manteniéndose por tiempo limitado. RAYMOND (1986) relata varias experiencias ocurridas en Europa, y su desaparición en momentos de estabilidad y/o crecimiento económico. En Brasil, situaciones típicas de formación de cooperativas de trabajo resultan de falencias de empresas, cuando los funcionarios asumen su gestión. En los casos en que la empresa tiene éxito, la tendencia es la transformación de la cooperativa en empresa con la contratación de trabajadores asalariados.⁷

Con el cambio de la legislación, a partir de 1988, numerosas cooperativas de trabajo han surgido en el país reuniendo taxistas, profesores, y profesionales diversos, en general de prestación de servicios especializados. Otras cooperativas, más polémicas, han agrupado trabajadores rurales y trabajadores industriales, que pasan a vender servicios para agroindustrias y fábricas. El carácter polémico deviene de la poca nitidez, en la diferenciación entre trabajo asociado y trabajo asalariado, entre autonomía y subordinación.

Al contrario del trabajo asalariado que parte de una relación desigual de compra y venta de la mercadería fuerza de trabajo, que tiene como presupuesto la subordinación de esta al capital, así como la apropiación privada de los resultados del trabajo, el cooperativismo postula que la adhesión a la cooperativa debe ser voluntaria y libre; debe poseer gestión democrática en la cual cada participante representa un voto; todos los objetivos y metas deben ser decididos por la mayoría; la participación económica de los miembros es igualitaria, o sea, todos los miembros contribuyen con la misma cuantía en la formación del capital de la cooperativa; los lucros deben ser divididos por todos los asociados en función del número de cuotas que disponen y parte de ellos debe ser reinvertido en la cooperativa, en decisión tomada en asamblea; la autonomía de la cooperativa debe ser garantizada en todos los acuerdos firmados con otras organizaciones y empresas, además de definir principios de orden ética, social y educacional.⁸

Las cooperativas de trabajo industrial están constituyéndose en una alternativa de subcontratación y reducción de costos con la mano de obra. En el

⁵ No Brasil, um caso típico de formação de cooperativa a partir da falência de uma grande indústria foi o da fábrica de fogões Wallig no Rio Grande do Sul. Sobre a formação, funcionamento e situação atual dessa cooperativa veja-se HOLZMANN DA SILVA(1994).

⁶ Sobre os princípios do Cooperativismo veja-se o documento "Cooperativismo" publicado pela Organização das Cooperativas Brasileiras – OCB.

⁷ En Brasil, un caso típico de formación de cooperativa a partir de la falencia de una grande industria fue lo de la fábrica de cocinas Wallig en Río Grande del Sul. Sobre la formación, funcionamiento y situación actual de esa cooperativa ver HOLZMANN DA SILVA (1994).

⁸ Sobre los principios del Cooperativismo ver el documento "Cooperativismo" publicado por la Organización de las Cooperativas Brasileñas – OCB.

supervisão e da qualidade da produção e “compram” o trabalho das cooperativas.

A gerência das cooperativas termina sendo realizada, de fato, pelos funcionários da empresa que estabelecem o modo como o trabalho deve ser organizado. Com isso, o trabalho dos cooperativados só difere daquele dos trabalhadores assalariados no que tange a ausência dos direitos formais constantes na legislação do trabalho, tais como férias, décimo terceiro salário, carteira profissional, assistência médica, aposentadoria e um salário mínimo.

Dada a forma como se estabelece a relação empresas-cooperativas é possível considerar o trabalho nessas cooperativas como um tipo de assalariamento disfarçado, uma vez que funcionam como um setor das empresas, embora mantenham formalmente contratos apenas de prestação de serviços.

Por outro lado, a parceria com o Estado e a vinculação a projetos de geração de renda e interiorização da indústria, resultam em aspectos positivos a curto prazo, mesmo apresentando poucas perspectivas de continuidade dado que as cooperativas criam emprego e renda em áreas de baixa atração de investimentos como é o sertão nordestino; incluem no mercado uma população tradicionalmente excluída criando expectativas de inserção social inexistentes anteriormente; qualificam mão de obra para o trabalho industrial; mantém, nas pequenas cidades, uma população potencialmente migrante para o sudeste do país ou capitais regionais.

As experiências com as novas cooperativas no setor do vestuário (confeções e calçados) tiveram início em 1994 e tem se estendido na região com diferenças em suas formas de organização resultantes de ajustes no modelo. Para efeito deste trabalho recuperamos as experiências de organização de cooperativas em quatro estados: Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará, cuja novidade parece ser a transformação de um modelo que pressupõe a autonomia do trabalhador para outro, no qual a autonomia é meramente formal e o vínculo com o trabalho é de subordinação às empresas contratantes dos serviços.

2.1. As cooperativas de confecção

No Nordeste, o estado do Ceará se destaca por uma agressiva política de captação de recursos e investimentos voltados para a interiorização da industrialização, opção resultante das poucas possibilidades de atividades agrícolas e pecuárias no semi-árido que compõe a quase totalidade de seu

Nordeste, surgen de la parceria entre estado/empresas que las organizan, instituyéndose como política oficial de atracción de nuevas industrias para la región. La parceria se da entre empresas interesadas y diversas instancias del Estado –gobiernos estatales y municipales, fondos federales y órganos empresariales situándose, en su mayoría, en municipalidades del interior desprovistas de actividades económicas significativas. Las empresas instalan centros de distribución en esos pueblos con un reducido número de funcionarios que cuidan de la supervisión y de la cualidad de la producción y "compran" el trabajo de las cooperativas.

De hecho, la gerencia de las cooperativas termina siendo realizada por los funcionarios de la empresa que establecen el modo como el trabajo debe ser organizado. Así, el trabajo de los cooperativados sólo difiere de aquel de los trabajadores asalariados en lo que respecta a la ausencia de los derechos formales permanente en la legislación del trabajo, tales como vacaciones, décimo tercer salario, identidad profesional, asistencia médica, jubilación y salario mínimo.

Dada la forma como se establece la relación empresas/cooperativas es posible considerar el trabajo en esas cooperativas como un tipo de asalariado disfrazado, una vez que funcionan como un sector de las empresas, aunque mantengan formalmente contratos apenas de prestación de servicios.

Por otro lado, la parceria con el Estado y la vinculación a proyectos de generación de renta e interiorización de la industria, resultan en aspectos positivos a corto plazo, presentando incluso pocas perspectivas de continuidad dado que las cooperativas crean empleo y renta en áreas de baja atracción de inversiones como es el caso de las municipalidades del interior de la región nordeste; incluyen en el mercado una población tradicionalmente excluída creando expectativas de inserción social inexistentes anteriormente; califican mano de obra para el trabajo industrial; mantiene, en los pueblos, una población potencialmente migrante para el sudeste del país o capitales regionales.

Las experiencias con las nuevas cooperativas en el sector del vestuario (confecciones y calçados) se iniciaron en 1994 y se extendieron por la región con diferencias en sus formas de organización resultantes de ajustes en el modelo. Para efecto de este trabajo recuperamos las experiencias de organización de cooperativas en cuatro estados: Pernambuco, Paraíba, Río Grande del Norte y Ceará, cuja novidade parece ser la transformación de un modelo que presupone la autonomía del trabajador para otro, en el cual la

território. Tornou-se líder em termos do montante de investimentos na região, transformando suas históricas desvantagens econômicas, espaciais e populacionais em vantagens no novo contexto da globalização dos mercados.

O estado, passou a investir nos setores industriais afetados diretamente pela concorrência internacional provocada pela abertura econômica iniciada no governo Collor. Enviados do governo procuraram empresas do sul-sudeste do país oferecendo uma série de vantagens para se transferirem para o Ceará: infra-estrutura, prédios, isenção fiscal, mão de obra abundante, treinamento e qualificação de trabalhadores, baixa organização sindical desses trabalhadores e a possibilidade de irização da produção em cooperativas. De fato, os incentivos chegam a isenção de 75% de impostos por até 15 anos, e quanto maior a distância da capital maior a quantidade de incentivos oferecidos.

Desde 1995, segundo dados governamentais, o estado atraiu 250 empresas, havendo previsão de atrair 300 até o final da atual gestão, privilegiando quatro setores: metal mecânico, têxtil, vestuário e eletro eletrônico.

O setor do vestuário é o que mais se destaca na terceirização da produção em cooperativas. A experiência pioneira deu-se com a criação do Pólo Confeccionista do Baturité, que começou a ser implantado em 1991 no município de Acarape, a 45 Km de Fortaleza, por um grupo de investidores de Taiwan. O grupo é composto por cinco unidades instaladas num terreno doado pela prefeitura do município: uma fábrica de máquinas de costura; uma fábrica de motores para máquinas de costura; uma fábrica de confecções; além de uma fábrica de de gelatina comestível e uma montadora de veículos especiais em fibra de vidro. A fábrica de confecções e a de motores de máquinas de costura mantém sua produção totalmente terceirizada em cooperativas situadas em suas dependências; apenas o pessoal técnico e de supervisão são funcionários das empresas.

A unidade confeccionista produzia calças jeans, inicialmente voltada para o mercado externo tendo posteriormente diversificado sua produção passando a atuar no mercado nacional, como facionista para outras fábricas/marcas ou grandes cadeias de lojas que compram a produção e a vendem com etiqueta própria.

O projeto de terceirização da produção em cooperativas começou a funcionar em 1994, envolvendo parcerias com o governo do Estado, quinze prefeituras e

autonomia es meramente formal y el vínculo con el trabajo es de subordinación a las empresas contratantes de los servicios.

2.1. Las cooperativas de confección

En el Nordeste, el estado del Ceará se destaca por una agresiva política de captación de recursos e inversiones orientados hacia la interiorización de la industrialización, opción resultante de las pocas posibilidades de actividades agrícolas y pecuarias en la región de clima semiárido que compone la casi totalidad de su territorio. Se transformó en lideranza en términos de la cantidad de inversiones en la región, cambiando así, sus históricas desventajas económicas, espaciales y poblacionales en ventajas en el nuevo contexto de la globalización de los mercados.

El estado, pasó a invertir en los sectores industriales afectados directamente por la competencia internacional provocada por la abertura económica iniciada en el gobierno Collor. Funcionarios del gobierno procuraron empresas del sur-sudeste del país ofreciendo una serie de ventajas para transferirse a Ceará: infraestructura, instalaciones físicas, **isencción** fiscal, mano de obra abundante, entrenamiento y calificación de trabajadores, baja organización sindical de esos trabajadores y la posibilidad de subcontratación de la producción en cooperativas. De hecho, los incentivos llegan a lograr desgravar 75% de impuestos por hasta 15 años, y cuanto mayor la distancia de la capital mayor la cantidad de incentivos ofrecidos.

Según datos gubernamentales, desde 1995, el estado atrajo 250 empresas, existiendo la previsión de instalar 300 hasta el final de la actual gestión, privilegiando cuatro sectores: metal-mecánico, textil, vestuario y electro-electrónico.

El sector del vestuario es el que más se destaca en la subcontratación de la producción en cooperativas. La experiencia pionera se dio con la creación del **Polo Confeccionista del Baturité**, que empezó a ser implantado en 1991 en la municipalidad de Acarape, a 45 Km de Fortaleza, a partir de inversiones de un grupo de Taiwan. El grupo es compuesto por cinco unidades instaladas en un terreno cedido por el ayuntamiento del pueblo: una fábrica de máquinas de costura, una fábrica de motores para máquinas de costura, una fábrica de confecciones, además de una fábrica de gelatina comestible, y una montadora de vehículos especiales en fibra de vidrio. La fábrica de confecciones y la de motores de máquinas de costura mantienen su producción totalmente subcontratada en cooperativas situadas en sus dependencias. Sólo el personal técnico y

órgãos empresariais como SENAI E SEBRAE chegando a ocupar cerca de 1600 cooperados. Contava com 15 cooperativas instaladas em galpões nos municípios integrantes do projeto situados num raio de 50 Km de Acarape. Cada cooperativa se constituía em até três unidades localizadas em bairros ou distritos dos municípios, cada uma delas agrupando de 22 a 35 cooperados. Os galpões eram cedidos pelas prefeituras ou pelo governo do estado, adaptados ou construídos para esse fim com recursos de programas federais de apoio ao trabalhador como o FAT e de geração de renda como o PROGER.

O impacto das cooperativas nos municípios pode ser dimensionado pela criação de, aproximadamente, 100 postos de trabalho, por cooperativa (cada cooperativa contava com 03 unidades elevando esse número para 300 postos diretos de trabalho), numa população média de 10.000 habitantes na zona urbana e rural, com atividades econômicas originalmente restritas a algumas unidades mineradoras e de produção agrícola de subsistência.

Para o grupo empresarial, o projeto significou além do barateamento da produção de confecções, a criação de mercado para sua produção de máquinas de costura. As cooperativas compravam as máquinas da fábrica do próprio grupo, que garantia o aval para empréstimos junto ao Banco do Nordeste para financiá-las.

A fábrica fornecia os jeans cortados e as cooperativas se comprometiam a trabalhar com exclusividade para a empresa. A organização do trabalho era estabelecida pela fábrica e controlada por supervisores que, assim como os mecânicos, eram funcionários da fábrica.

Cada cooperativa possuía um presidente e um vice presidente, além de um conselho fiscal integrado por cinco associados. Como se organizavam em três unidades separadas espacialmente (em bairros ou distritos diferentes), com a presidência na sede do município, as demais unidades respondiam diretamente aos supervisores da fábrica. As normas disciplinares, como cobrança de faltas, desligamentos, envolvimento no serviço, etc, eram sugeridas pela empresa , sendo aplicadas pelas direções das cooperativas.

A maioria dos trabalhadores cooperativados era de mulheres sem experiência de trabalho anterior em fábricas ou mesmo fora de casa. No início, houve uma grande procura pelas cooperativas dada a divulgação pela fábrica e pelo governo do estado dos benefícios que trariam em termos da possibilidade de elevação da renda

la supervisión son funcionarios de las empresas.

Inicialmente, la unidad confeccionista producía pantalones jeans volcada para el mercado externo , posteriormente diversificó su producción pasando a actuar en el mercado nacional, como subcontratada por otras fábricas/marcas o grandes cadenas de tiendas que compran la producción y la venden con etiqueta propia.

El proyecto de subcontratación de la producción en cooperativas empezó a funcionar en 1994, en parcerias con el gobierno del Estado, quince ayuntamientos y órganos empresariales llegando a emplear cerca de 1600 cooperados. Contaba con 15 cooperativas instaladas en galpones en los municipios integrantes del proyecto situados en un radio de 50 Km de Acarape. Cada cooperativa se constituía de hasta tres unidades localizadas en barrios o distritos de los municipios, cada una de ellas agrupando de 22 a 35 cooperados. Los galpones eran cedidos por los ayuntamientos o por el gobierno del estado, adaptados o construidos para ese fin con recursos de programas federales de apoyo al trabajador.

El impacto de las cooperativas en los municipios puede ser evaluado por la creación de aproximadamente 100 puestos de trabajo, por cooperativa (cada cooperativa contaba con 03 unidades elevando ese número para 300 puestos directos de trabajo), en una población mediana de 10.000 habitantes en la zona urbana y rural, con actividades económicas originalmente limitadas a algunas unidades mineradoras y de producción agrícola de subsistencia.

Para el grupo empresarial, el proyecto significó además de la reducción de costos de la producción de vestuario, la creación de mercado para su producción de máquinas de costura. Las cooperativas compraban las máquinas de la fábrica del propio grupo, lo que garantizaba el aval para préstamos junto al Banco del Nordeste para financiarlas.

La fábrica proveía los pantalones jeans cortados y las cooperativas se comprometían a trabajar con exclusividad para la empresa. La organización del trabajo era establecida por la fábrica y controlada por supervisores que, así como los mecánicos, eran funcionarios de la fábrica.

Cada cooperativa poseía un presidente y un vice-presidente, además de un consejo fiscal integrado por cinco asociados. Como se organizaban en tres unidades separadas espacialmente (en barrios o distritos diferentes), con la presidencia en la sede del pueblo, las demás unidades respondían directamente a los da

população. Com isso várias funcionárias da prefeitura, – como professoras e merendeiras, por exemplo – solicitaram licença do trabalho e foram trabalhar nas cooperativas.

As promessas, contudo, ficaram aquém das expectativas. Com uma jornada de trabalho que podia chegar a 10 horas diárias, e ganho por produção que variava segundo as encomendas da empresa, o projeto caracterizou-se por uma série de turbulências resultantes de mudanças na política econômica do governo federal, a adequação da produção ao mercado nacional e à própria dimensão do projeto. Esse conjunto de fatores provocou instabilidade no fornecimento de material para as cooperativas, e dos ganhos auferidos pelo pessoal ocupado que variava de R\$180,00 a R\$20,00 (US\$120,00 a US\$.13,00) por mês resultando em redução do pessoal, fechamento de unidades e grande rotatividade entre os cooperados.

Visando formar pessoal para as cooperativas, foi construído um centro de treinamento em Acarape para a formação de costureiras(os) industriais e mecânicos, equipado com cerca de 150 máquinas de costura, financiado pelo governo do estado, mas gerido pela fábrica. O Centro- Fundação Centro Tecnológico de formação de Confeccionistas (FCTCF)- passou a treinar em dois ou três períodos diários os trabalhadores a serem aproveitados pelas cooperativas. O treinamento previsto duraria dois a seis meses mas, dependendo das necessidades da fábrica, poderia ser realizado em apenas dois dias, continuando ao longo do trabalho na própria cooperativa. Durante o treinamento os(as) cooperados(as), segundo um funcionário do estado, ganhavam uma bolsa de trabalho equivalente a 50% do salário mínimo, procedimento posteriormente extinto.

De 1994 à dezembro de 1997 o FCTCF treinou cerca de 3000 trabalhadores, um número justificado pela alta rotatividade dos cooperados. Contudo, segundo o responsável pelo FCTFC, o Centro termina por treinar trabalhadores que atende o mercado de toda a indústria de confecção do estado, embora formalmente treine apenas para o grupo tawanes. Com isso, Acarape estaria transformando-se em pólo de qualificação de mão de obra para esse setor.

Além dos cursos propriamente técnicos o CTFC, através da OCEC – Organização das Cooperativas do Estado do Ceará - oferecia “curso de cooperativismo” em 16 horas, através de palestras onde os “princípios” do sistema eram explicados aos trabalhadores. Aparentemente, poucos entenderam o significado de serem cooperativados, fixando-se apenas na compreensão da ausência de direitos trabalhistas.

supervisores de la fábrica. Las normas disciplinarias, como cobranza de faltas, despidos, interés en el servicio, etc., eran sugeridas por la empresa y aplicadas por las direcciones de las cooperativas.

La mayoría de los trabajadores cooperativados eran mujeres sin experiencia de trabajo anterior en fábricas o incluso fuera de casa. En el inicio, hubo una gran procura por las cooperativas frente a la divulgación por la fábrica y por el gobierno del estado de los beneficios que traerían en terminos de posibilidad de elevación de la renta de la población. Con eso varias funcionarias del ayuntamiento, como profesoras y merenderas, por ejemplo, solicitaron licencia del trabajo y fueron trabajar en las cooperativas.

Sin embargo, las promesas, se quedaron abajo de las expectativas. Con una jornada de trabajo que podía llegar hasta a 10 horas diarias, y remuneración por producción que variaba según los encargos de la empresa, el proyecto se caracterizó por una serie de turbulencias resultantes de cambios en la política económica del gobierno federal, la adecuación de la producción al mercado nacional y a la propia dimensión del proyecto. Ese conjunto de factores provocó inestabilidad en la entrega de material para las cooperativas, y de los sueldos a ser pagados a los trabajadores, los cuales variaban de R\$180,00 a R\$20,00 (US\$ 120,00 a US\$ 13,00) mensuales dando como resultado una gran rotatividad de trabajadores y cierre de unidades.

Con el propósito de formar obreros para las cooperativas, fue construido un centro de entrenamiento en Acarape para la formación de costureras(os) industriales y mecánicos, equipado con cerca de 150 máquinas de costura, financiado por el gobierno del estado, pero gerenciado por la fábrica. El Centro – Fundación Centro Tecnológico de Formación de Confeccionistas (FCTCF)– pasó a entrenar en dos o tres períodos diarios los trabajadores a ser aprovechados por las cooperativas. El entrenamiento previsto duraría de dos a seis meses, y dependiendo de las necesidades de la fábrica, podría ser realizado en sólo dos días, continuando en el lugar de trabajo, es decir, en la propia cooperativa. Durante el entrenamiento los(las) cooperados(as), según un funcionario del estado, ganaban una beca de trabajo equivalente a 50% del salario mínimo, procedimiento posteriormente extinto.

De 1994 a la diciembre de 1997 el FCTCF entrenó cerca de 3000 trabajadores, un número justificado por la alta rotatividad de los cooperados. Sin embargo, según el responsable por el FCTFC, el Centro termina por entrenar trabajadores que atienden el

No cotidiano, os princípios do cooperativismo diluíam-se numa organização do trabalho em nada diferente de uma fábrica comum. A presença constante dos funcionários da empresa controlando o trabalho realizado aumentava a identificação dos cooperativados com a fábrica, em detrimento da cooperativa, mais virtual que real. Esta situação ocasionou reuniões em várias unidades para explicar a diferença entre ser funcionário da fábrica e ser trabalhador associado na cooperativa.

A partir de agosto de 1997, todas as cooperativas vinculadas ao grupo foram transferidas para o prédio da fábrica em Acarape. A fábrica levou as máquinas e os galpões foram fechados. A justificativa apresentada pela empresa e pelo governo do estado foi de caráter logístico: o projeto superdimensionado envolvendo 15 municípios e seus respectivos distritos, começou a dar prejuízos operacionais, uma vez que algumas unidades ficavam até 50 km da sede. Para fazer frente aos custos, as unidades foram agrupadas na fábrica, mantendo o caráter de cooperativas, agora em setores ou mesmo células de produção na fábrica. A empresa colocou ônibus que transportam diariamente os trabalhadores dos diversos municípios para a fábrica em Acarape. Na transferência, parte dos cooperados desistiram das cooperativas, permanecendo cerca de 500 trabalhadores. Os cooperados que desistiram passaram a pressionar prefeitos dos municípios para a reabertura dos galpões onde anteriormente funcionavam as cooperativas. Algumas prefeituras estão tentando a reabertura através da parceria com outras fábricas, uma vez que a fábrica taiwanesa como fiadora dos empréstimos, continua como proprietária das máquinas.

2.2.As cooperativas de calçados.

No rastro das cooperativas de confecção, a partir de 1995-1996 começaram a instalar-se cooperativas de calçados, com a abertura de filiais de indústrias do sul do país no interior do estado. Diferentemente da experiência do Pólo Confeccionista as indústrias calçadistas que se instalaram, tercerizando a produção em cooperativas⁹, concentraram a produção em uma ou duas grandes unidades utilizando entre 500 a 600 trabalhadores cada. Geralmente, as empresas mantêm nas cidades um galpão próprio onde funciona o almoxarifado, depósito e o escritório, ao lado do prédio da cooperativa.

A organização da produção nessas unidades se

células, dependendo do produto. Cada linha equivale a um mercado de toda la industria de confección del estado, aunque formalmente entrene apenas para el grupo taiwanes. Así, Acarape estaría transformándose en polo de calificación de mano de obra para ese sector.

Además de los cursos propiamente técnicos, el CTFC, a través de la OCEC –Organización de las Cooperativas del Estado del Ceará– ofrecía "cursos de cooperativismo" en 16 horas, a través de palestras donde los "principios" del sistema eran explicados a los trabajadores. Aparentemente, pocos entendieron el significado de "ser cooperativado", fijándose apenas en la comprensión de la ausencia de derechos laborales.

En el cotidiano, los principios del cooperativismo se diluían en una organización del trabajo en nada diferente de una fábrica común. La presencia constante de los funcionarios de la empresa controlando el trabajo realizado, aumentaba la identificación de los cooperativados con la fábrica, en detrimento de la cooperativa, más virtual que real. Esta situación ocasionó reuniones en varias unidades para explicar la diferencia entre ser funcionario de la fábrica y ser trabajador asociado a la cooperativa.

A partir de agosto de 1997, todas las cooperativas vinculadas al grupo fueron transferidas para el edificio de la fábrica en Acarape. La fábrica llevó las máquinas y los galpones fueron cerrados. La justificativa presentada por la empresa y por el gobierno del estado fue de carácter logístico: el proyecto superdimensionado que incluía 15 municipios y sus respectivos distritos, empezó a dar perjuicios operacionales, una vez que algunas unidades quedaban a una distancia de 50 Km de la sede. Para hacer frente a los costos, las unidades fueran agrupadas en la fábrica, manteniendo el carácter de cooperativas, ahora en sectores o incluso células de producción en la fábrica. La empresa financia los autobuses que transportan diariamente a los trabajadores de los diversos municipios para la fábrica en Acarape. En la transferencia, parte de los cooperados desistieron de las cooperativas, permaneciendo cerca de 500 trabajadores. Los cooperados que desistieron pasaron a presionar alcaldes de los municipios para la reapertura de los galpones donde anteriormente funcionaban las cooperativas. Algunos ayuntamientos están intentando la reapertura a través de la parcería con otras fábricas, una vez que la fábrica taiwanesa como fiadora de los préstamos, continua como propietaria de las máquinas.

2.2. Las cooperativas de calçados.

En el rastro de las cooperativas de confección, a

⁹ Atualmente as cooperativas vinculadas a indústrias de calçados são maioria em termos numéricos e de ocupação de mão de obra. Entretanto nem todas as indústrias calçadistas que se implantaram no Ceará utilizam essa forma de tercerização.

dá em linhas de montagem às vezes denominadas modelo de sapato produzido.

Todas as empresas mantêm funcionários próprios responsáveis pela supervisão e controle de qualidade. Os demais são associados. São os gaúchos e paulistas que passam a compor o cenário dessas cidades sertanejas, mais acostumadas a expulsar sua população do que receber migrantes. Efetivamente, esses funcionários dirigem as cooperativas. Os presidentes e as diretorias eleitas pelas cooperativas no início de seu funcionamento, possuem um papel formal, de intermediação entre os cooperativados e os funcionários da empresa. Seus conhecimentos de cooperativismo não diferem muito daquele dos demais trabalhadores. Ficam, todavia, com o trabalho “sujo” - a aplicação das regras disciplinares no trabalho: controle de presença, atrasos, faltas, etc.

Os horários são pré-estabelecidos, mas o volume e os prazos das encomendas da fábrica determinam sua efetividade: as oito horas de trabalho podem virar 12 para atingir a produção prevista. A produção é exportada e os calçados são montados nas cooperativas. A qualificação exigida aos trabalhadores é mínima, convivendo desde os semi-alfabetizados até aqueles com segundo grau completo. A inexistência de outros empregos torna as cooperativas atraentes. O salário varia de R\$.80,00 a R\$180,00 (US\$.53 a US\$.120). O valor da hora trabalhada fica em torno de R\$0,44(US\$.0.30) a R\$0,76 (US\$.0.50).. Embora sem um Centro de Treinamento específico, o governo do estado paga uma bolsa no valor de R\$60,00 (US\$.40) por dois meses, para o treinamento dos trabalhadores. O recrutamento de trabalhadores passa pelo escritório das empresas que encaminham os trabalhadores para as cooperativas.

Ao contrário das cooperativas de confecção, inicialmente atomizadas em várias pequenas unidades, as cooperativas de calçados, desde sua implantação em 1995, constituíram-se em grandes unidades, tendo enfrentado, desde o início, problemas com os trabalhadores resultantes da convivência no mesmo espaço, com tratamento diferenciado, de empregados das empresas - geralmente “sulistas” e associados “nativos”.

Denúncias sobre as condições de trabalho - grandes galpões com ventilação precária, problemas sanitários, falta de equipamentos de segurança, autoritarismo dos “empregados” das fábricas, exclusões de associados - resultaram em diligências da Delegacia

partir de 1995-1996 empezaron a instalarse cooperativas de calzados, con la abertura de filiales de industrias del sur del país en el interior del estado. Diferentemente de la experiencia del Polo Confeccionista, las industrias calzadistas que se instalaron, subcontratando la producción en cooperativas¹⁰, concentraron la producción en una o dos grandes unidades utilizando entre 500 a 600 trabajadores cada una. En general, las empresas mantienen en las municipalidades un galpón propio donde funcionan los depósitos y el despacho, al lado del edificio de la cooperativa.

Dependiendo del producto, la organización de la producción en esas unidades se da en líneas de montaje a veces denominadas células. Cada línea equivale a un modelo de zapato producido.

Todas las empresas mantienen funcionarios propios responsables por la supervisión y por el control de calidad. Los demás son asociados. Es la gente del "sur" más desarrollado, que pasa a componer el escenario de esas municipalidades del interior, más acostumbrados a expulsar su población que recibir migrantes. Efectivamente, esos funcionarios dirigen las cooperativas. Los presidentes y las directorias electas por las cooperativas en el inicio de su funcionamiento, poseen un papel formal, de intermediación entre los trabajadores asociados y los funcionarios de la empresa. Sus conocimientos de cooperativismo no defieren mucho de aquel de los demás trabajadores. Se quedan, no obstante, con el trabajo "sucio" - la aplicación de las reglas disciplinarias en el trabajo: control de asistencia, atrasos, faltas, etc.

Los horarios son preestablecidos, pero el volumen y los plazos de los encargos de la fábrica determinan su efectividad: las ocho horas de trabajo pueden convertirse en 12 para alcanzar la producción prevista. La producción es exportada y los calçados son montados en las cooperativas. La calificación exigida a los trabajadores es mínima, conviviendo desde los iletrados hasta aquellos con la enseñanza secundaria completa. La inexistencia de otros empleos torna las cooperativas atrayentes. El sueldo varía de R\$ 80,00 a R\$ 180,00 (US\$ 53 a US\$ 120) y el valor de la hora trabajada está en torno de R\$ 0,44 (US\$ 0.30) a R\$ 0,76 (US\$ 0.50). Aunque no se cuente con un Centro de Entrenamiento específico, el gobierno del estado paga una beca que vale R\$ 60,00 (US\$ 40) por dos meses, para el entrenamiento de los trabajadores. El reclutamiento de

¹⁰ Actualmente las cooperativas vinculadas a las industrias de calzados son mayoría en términos numéricos y de ocupación de mano de obra. Sin embargo, no todas las industrias calzadistas implantadas en Ceará utilizan esa forma de tercerización.

Regional do Trabalho do Ceará e investigações da Procuradoria Regional do Trabalho sobre o funcionamento das cooperativas, chamadas pela imprensa local de “Cooperfraudes”. O Sindicato dos Sapateiros, a Pastoral Operária e a CUT-Ce realizaram em agosto passado um seminário interno sobre essas cooperativas e passaram a fazer incursões nas frentes das cooperativas objetivando organizar os trabalhadores cooperados para exigirem carteira assinada.

3. Variações da “experiência cearense”¹¹

O modelo cearense rapidamente passou a ser experimentado e adaptado pelos estados vizinhos na “guerra fiscal” desencadeada entre eles pela atração de novas indústrias.

Pernambuco tomou a dianteira, não propriamente com uma nova fábrica, mas de uma unidade industrial já implantada no estado e em fase de reestruturação. Foram abertas duas cooperativas de confeccionistas em 1995, nos municípios de Orobó e Machados, a 90 Km de Recife. O plano original de abrir dez cooperativas reduziu-se a criação de apenas duas, com três delas ainda em organização. A lentidão na implantação deveu-se a dificuldades de financiamento para a compra de máquinas pelas cooperativas

Em relação ao modelo de cooperativas do Ceará, a experiência pernambucana possui semelhanças com relação ao perfil dos cooperativados—considerando origem, escolaridade e qualificação—e dos municípios escolhidos para instalação—proximidade da capital e inexistência de outras alternativas de emprego—, e diferenças com relação a organização e funcionamento das unidades.

A mudança foi a implantação de dois turnos de trabalho de seis horas, que segundo o supervisor da fábrica, é mais adequado às características dos trabalhadores “associados” - mulheres com casa e família para cuidar, tornando-os mais satisfeitos e produtivos. O treinamento tem sido realizado na própria produção e cada cooperativa emprega 102 trabalhadores entre costureiras e mecânicos. A fábrica envia supervisores para treinamento e um supervisor geral que cuida das cooperativas. As máquinas são propriedade da fábrica, cedidas em comodato para as cooperativas—cooperindústrias como são chamadas -, e os galpões são da prefeitura ou do governo do estado.

As cooperativas se constituem em fonte

trabajadores pasa por el despacho de las empresas que encaminan los trabajadores para las cooperativas.

Al contrario de las cooperativas de confección, inicialmente atomizadas en varias pequeñas unidades, las cooperativas de calzados, desde su implantación en 1995, se constituyeron en grandes unidades, enfrentando, desde el inicio, problemas con los trabajadores resultantes de la convivencia en el mismo espacio - con tratamiento diferenciado - entre los empleados de las empresas - en general "sulistas" y asociados "nativos".

Denuncias sobre las condiciones de trabajo – grandes galpones con ventilación precaria, problemas sanitarios, falta de equipamientos de seguridad, autoritarismo de los "empleados" de las fábricas, despidos de asociados— resultaron en diligencias de la Justicia del Trabajo sobre el funcionamiento de las cooperativas, llamadas por la prensa local de “Cooperfraudes”. El Sindicato de los Zapateros, la Pastoral Obrera y la Central Única de los Trabajadores realizaron en agosto pasado un seminario interno sobre esas cooperativas y pasaron a hacer manifestaciones de protesta delante de las puertas de las cooperativas objetivando organizar los trabajadores cooperados para exigir la legalización de su situación laboral.

3. Variaciones de la "experiencia cearense"¹²

El modelo cearense rápidamente pasó a ser experimentado y adaptado por los estados vecinos en la "guerra fiscal" desencadenada entre los estados por la atracción de nuevas industrias.

El estado de Pernambuco tomó la delantera, no propiamente con una nueva fábrica, sino con una unidad industrial ya implantada en el estado y en fase de reestructuración. Fueron abiertas dos cooperativas de confeccionistas en 1995, en los municipios de Orobó y Machados, a 90 Km de Recife. El plano original de abrir diez cooperativas se redujo a la creación de sólo dos, con tres de ellas aún en organización. La lentitud en la implantación se debió a dificultades de financiación para la compra de máquinas por las cooperativas.

Respecto al modelo de cooperativas de Ceará, la experiencia pernambucana posee similitudes respecto al perfil de los cooperativados –considerando origen, escolaridad y calificación— y de los municipios elegidos para instalación –proximidad de la capital y inexistencia de otras alternativas de empleo—, y diferencias respecto a la organización y funcionamiento de las unidades.

¹¹ Maiores detalhes dessas experiências podem ser vistos em LIMA(1997).

¹² Más detalles respecto a esas experiencias pueden ser vistos en LIMA (1997).

significativa de renda na região, com uma retirada mensal em torno de R\$120,00 (US\$80) por “associada”. Todavia, não existe fundo comum para a cooperativa nem mesmo que garanta a arrecadação do INSS para as cooperadas que também não contribuem como autônomas. As noções de cooperativismo são inexistentes e as cooperativas são identificadas na cidade pela vinculação com a fábrica. As presidentes das cooperativas mal sabem responder sobre seu funcionamento, sendo que os informantes são os supervisores - funcionários da empresa. O sindicato das costureiras de Pernambuco não conhecia (em 1997) a experiência, embora considerasse uma alternativa positiva ao desemprego.

No Rio Grande do Norte, no município de Santa Cruz à 100 km de Natal, através de uma Associação Comunitária, foi desenvolvido um programa social de bolsa-escola a par de um projeto de geração de renda através de trabalho cooperativo. Não existe a cooperativa como tal, mas um projeto em parceria com uma fábrica do sul do país e governo do estado. Essa parceria garantiu a construção ou adaptação de sete galpões, um centro de treinamento com máquinas cedidas pela empresa e outras próprias, assim como a diversificação na oferta de serviços.

Embora a fábrica seja responsável pelo funcionamento de três unidades onde são costuradas camisetas, camisas planas e uma linha infantil, a Associação possui uma unidade de calças jeans com outra empresa com sede em Natal e oferece serviços de facionista no mercado.

O número de trabalhadores envolvidos previstos para dezembro de 1997 estava em torno de 1000 e o projeto é visto como modelo no estado, embora não conte com apoio da prefeitura - em mãos de inimigos políticos do senador e deputado que mantém a Associação - e faz acusações de assalariamento disfarçado contra a Associação.

A fábrica mantém seus supervisores, mas a Associação possui todo um esquema empresarial com gerentes de produção, executivo, de recursos humanos que lhe dá maior autonomia comparativamente às Cooperativas nos demais estados. Possui também um Centro de Treinamento com técnicos do SENAI e apoio do SINE-RN.

Uma modificação interessante a observar é a existência de dois turnos de oito horas com intervalo de quatro horas entre eles (de 06 às 10 e 14 às 18 horas/ de 10 às 14 e das 18 às 22 horas), o que permite, segundo um gerente da cooperativa, a resolução de problemas de

El cambio fue la implantación de dos turnos de trabajo de seis horas, que según el supervisor de la fábrica, es más adecuado a las características de los trabajadores “asociados” - mujeres con casa y familia para cuidar, volviéndolas más satisfechas y productivas-. El entrenamiento ha sido realizado en la propia producción y cada cooperativa emplea 102 trabajadores entre costureras y mecánicos. La fábrica envía supervisores para entrenamiento y un supervisor general que cuida de las cooperativas. Las máquinas son propiedad de la fábrica, cedidas en comodato para las cooperativas –**cooperindustrias** como son llamadas-, y los galpones son del ayuntamiento o del gobierno del estado.

Las cooperativas se constituyen en fuente significativa de renta en la región, con un salario mensual en torno de R\$120,00 (US\$ 80) por 'asociada". No obstante, no existe fondo común para la cooperativa ni nada que garantice la recaudación del Instituto Nacional de Seguridad Social para las cooperadas que también no contribuyen como autônomas. Las nociones de cooperativismo son inexistentes y las cooperativas son identificadas en los pueblos por su vinculación con la fábrica. Las presidentes de las cooperativas mal saben responder sobre su funcionamiento, y los informantes son los supervisores –funcionarios de la empresa-. El Sindicato de las Costureras de Pernambuco no conocía (en 1997) la experiencia, aunque le consideraron una alternativa positiva al desempleo.

En el estado del Río Grande del Norte, en el pueblo de Santa Cruz a 100 Km de Natal - la capital del estado - a través de una Asociación Comunitaria, fue implementado un programa social de beca/escuela paralelamente a un proyecto de generación de renta a través de trabajo cooperativo. No existe la cooperativa como tal, existe un proyecto en parceria con una fábrica del sur del país y el gobierno del estado. Esa parceria garantizó la construcción o adaptación de siete galpones, un centro de entrenamiento con máquinas cedidas por la empresa y otras propias, así como la diversificación en la oferta de servicios.

Aunque la fábrica sea responsable por el funcionamiento de tres unidades donde son producidas camisetas, camisas y una línea infantil, la Asociación posee una unidad de pantalones jeans con otra empresa con sede en Natal y ofrece servicios de subcontratación en el mercado.

El número de trabajadores previsto para diciembre de 1997 estaba en torno a 1000 y el proyecto es visto como modelo en el estado, aunque no cuenta con apoyo del ayuntamiento –en manos de enemigos

ordem familiar sem interferência no trabalho e sem alterar radicalmente o cotidiano de uma população sem tradição de trabalho regular, com horários rígidos, etc

Na Paraíba, as cooperativas são mais recentes, implantadas no segundo semestre de 1997 e ainda com problemas organizacionais. Integram política oficial do estado para atrair indústrias e estão sendo organizadas pela Organização das Cooperativas do Estado da Paraíba contratada pelo governo com esse objetivo. Nos demais estados estudados as OCEs entram como parceiras na organização de cursos sobre cooperativismo, apenas, e quando entram.

Embora 15 cooperativas de trabalho, estejam sendo organizadas, foi possível conhecer três experiências. A primeira, vinculada a uma grande empresa é uma cooperativa de calçados situada na Grande João Pessoa, no município de Santa Rita onde existe outras fábricas de calçados.. A justificativa da localização da cooperativa seria a mão de obra qualificada já existente. Mesmo assim permanece o treinamento por 60 dias pagos pelo governo do estado para os trabalhadores.

Em outubro de 1997 estava em funcionamento uma linha de produção - um modelo de sapato feminino voltado para o consumo regional, em caráter experimental. O sapato chega cortado e costurado e o trabalho na cooperativa é apenas passar cola e fazer o acabamento.

Os galpões prometidos pelo governo do Estado não ficaram prontos a tempo e a empresa alugou um por conta própria e colocou suas máquinas para a cooperativa. No galpão funcionam dois escritórios: um da empresa, e outro da cooperativa. No projeto de parceria entre o governo estadual e a fábrica, consta o fornecimento de máquinas à cooperativa pelo governo do Estado. A empresa pretende manter apenas um centro de distribuição na Paraíba, fornecendo o material para a cooperativa e distribuindo para o mercado a produção final.

A cooperativa contava com 38 associados com uma produção média de 1200 pares de sapato por semana, com previsão para 4000/5000 pares futuramente. Tanto o supervisor contratado, quanto os diretores da cooperativa, não acreditavam muito no empreendimento. Estão nele, um porque é funcionário e veio ganhando mais para trabalhar na Paraíba; os demais eram ex-funcionários de fábricas da região desempregados. A permanência na cooperativa está vinculada a não arranjar emprego com carteira assinada e, dessa forma, visto como atividade temporária.

políticos del senador y diputado que mantiene la Asociación—, que acusa la Asociación de asalariamento disfrazado.

La fábrica mantiene sus supervisores, pero la Asociación posee todo un esquema empresarial con gerentes de producción, ejecutivos, de recursos humanos que le da mayor autonomía comparativamente a las cooperativas en los demás estados. Posee también un Centro de Entrenamiento con técnicos de órganos estatales y empresariales.

Una modificación interesante a observar es la existencia de dos turnos de ocho horas con intervalo de cuatro horas entre ellos (de 06 a las 10 y de 14 a las 18 horas/ de 10 a las 14 y de 18 a las 22 horas). Esto permite, según un gerente de la cooperativa, la resolución de problemas de orden familiar sin interferencia en el trabajo, y sin alterar radicalmente el cotidiano de una población sin tradición de trabajo regular, con horarios rígidos, etc.

En el estado de Paraíba, las cooperativas son más recientes, implantadas en el segundo semestre de 1997 y aún con problemas organizacionales. Integran la política oficial del estado para atraer indústrias y están siendo organizadas por la Organización de las Cooperativas del Estado, contratada por el gobierno con ese objetivo. En los demás estados estudiados las OCEs entran como parceiras en la organización de cursos sobre cooperativismo.

Aunque 15 cooperativas de trabajo, estén en proceso de organización, fue posible conocer tres experiencias. La primera, vinculada a una gran empresa es una cooperativa de calzados situada en la Gran João Pessoa - capital del estado - en el pueblo de Santa Rita donde existe otras fábricas de calzados. La justificativa de la localización de la cooperativa sería la mano de obra calificada ya existente. Aún así permanece el entrenamiento por 60 días pagados por el gobierno del estado para los trabajadores.

En octubre de 1997 estaba en funcionamiento una línea de producción —un modelo de zapato femenino vuelto para el consumo regional, en carácter experimental. El zapato llega de fuera cortado y confeccionado y el trabajo en la cooperativa consiste en sólo pasar pegamento y hacer el acabado.

Los galpones prometidos por el gobierno del Estado no estuvieron listos a tiempo y la empresa alquiló uno por cuenta propia y colocó sus máquinas para la cooperativa. En el galpón funcionan dos despachos: uno de la empresa, y otro de la cooperativa. En el proyecto de parceria entre el gobierno estadual y

Essa postura dos funcionários e cooperativados, reflete a resistência ao modelo em cidades com atividades industriais. Ao apostar na redução de gastos de treinamento, a experiência paraibana descuidou de uma característica básica das cooperativas em implantação que é a inexistência de outras possibilidades de emprego na cidade ou região, o que não acontece na capital do estado. Todavia seu caráter recente impede maiores considerações acerca das possibilidades de continuidade.

Outras duas experiências paraibanas também fogem um pouco do modelo de cooperativas faccionistas para grandes fábricas nacionais, atendendo apenas empresas locais. A primeira localizada no município de Massaranduba, à 30 Km de Campina Grande, está localizada num armazém fornecido pela prefeitura e utiliza em torno de 22 trabalhadores associados, supervisionado por um “técnico” da OCEPB especializado na fabricação de sapatos. As instalações são precárias, as máquinas são do governo do estado e montam sapatos para uma fábrica sediada em Campina Grande e que atende o mercado nacional e exporta parte da produção. A maior parte dos trabalhadores são oriundos de fábrica que mantém na cidade uma unidade de produção

Outra cooperativa está localizada na cidade de Puxinanã, igualmente cerca de 30 Km de Campina Grande. Denominada de Cooperativa de Artesanato da Mulher, tem sua origem numa pequena empresa que contratava bordadeiras e costureiras e vendia seus produtos no mercado. Atualmente expandiu sua produção alugando mais dois estabelecimentos contratando cerca de 48 costureiras. A maioria (40) está ocupada na fabricação de gases cirúrgicas para uma empresa de material hospitalar de Campina Grande; as demais costuram shorts e camisas planas que são vendidas por sacoleiras. Mantém, todavia, as bordadeiras, trabalhando como faccionistas em casa.

Esta experiência tem sua peculiaridade na presidente da cooperativa que é vista como sua “dona”. Originalmente a responsável pela contratação dos serviços das costureiras domiciliares, foi substituída hoje pela sua filha que funciona como “sucessora” na direção da cooperativa. O ganho das costureiras depende da produção e, segundo declaração de uma das mais antigas e experientes “associadas”, mal dá para tirar R\$.80,00 (US\$53) e isso porque é a mais rápida.

4. Trabalhadores “associados” e trabalhadores assalariados.

O trabalho industrial hoje caracteriza-se pela

la fábrica, consta la provisión de máquinas a la cooperativa por el gobierno del Estado. La empresa pretende mantener sólo un centro de distribución en la Paraíba, proveyendo el material para la cooperativa y distribuido para el mercado la producción final.

La cooperativa contaba con 38 asociados con una producción media de 1200 pares de zapato por semana, con previsión para 4000/5000 pares futuramente. Tanto el supervisor contactado, cuanto los directores de la cooperativa, no creían mucho en este proyecto de la empresa. Sin embargo se mantienen en el, uno porque es funcionario y gana más por trabajar en la Paraíba; los demás eran ex-funcionarios de fábricas de la región en paro. La permanencia en la cooperativa está vinculada a no conseguir empleo en otras fabricas donde las relaciones de trabajo son legales y, de esa forma, visto como actividad temporaria.

Esa postura de los funcionarios y trabajadores asociados, refleja la resistencia al modelo en las ciudades con actividades industriales y tradición de trabajo asalariado. Al apostar en la reducción de gastos de entrenamiento, la experiencia paraibana se descuidó de una característica básica de las cooperativas en implantación, que es la inexistencia de otras posibilidades de empleo en el pueblo o región, lo que no acontece en la capital del estado. No obstante su carácter reciente impide mayores consideraciones acerca de las posibilidades de continuidad.

Otras dos experiencias paraibanas también huyen un poco del modelo de cooperativas subcontratadas para grandes fábricas nacionales, atendiendo apenas a empresas regionales. La primera localizada en la municipalidad de Massaranduba, a 30 Km de la ciudad de Campina Grande, está localizada en un almacén proveído por el ayuntamiento y utiliza en torno de 22 trabajadores asociados, supervisionado por un "técnico" de la Organización de las Cooperativas del Estado, especializado en la fabricación de zapatos. Las instalaciones son precarias, las máquinas son del gobierno del estado y montan zapatos para una fábrica con sede en Campina Grande que atiende al mercado nacional y exporta parte de la producción. La mayor parte de los trabajadores son oriundos de fábricas que mantienen en la municipalidad una unidad de producción.

Otra cooperativa está localizada en el pueblo de Puxinanã, igualmente a cerca de 30 Km de la ciudad de Campina Grande. Denominada de Cooperativa de Artesanía de la Mujer, tiene su origen en una pequeña empresa que contratava bordadoras y costureras y vendía sus productos en el mercado. Actualmente

redução continua de postos de serviço resultante das inovações tecnológicas e de gestão num quadro de competitividade mundial. Redução de custos passou a significar enxugamento da mão de obra ocupada. O aumento da produtividade obtido com essas inovações tira do setor industrial a importância que teve durante este século na ocupação da força de trabalho e nas lutas sociais que marcaram o período.

A fábrica deixou de ser o modelo de organização social do capitalismo e cenário das transformações sociais. O operariado fabril e seus movimentos já não são mais os mesmos. Seu contingente vem diminuindo assim como sua força econômica e política. Sindicatos e partidos políticos voltados para esse segmento vêm perdendo filiados e bandeiras e procuram adaptar-se aos novos tempos, dentro de uma pretensa inevitabilidade das mudanças. As lutas pela autonomia da classe trabalhadora, por um modelo alternativo de sociedade, pela redução da exploração do trabalho, resumem-se, cada vez mais, à manutenção de conquistas passadas ou mesmo à negociações destas conquistas em nome da manutenção do emprego.

As previsões de ocupação da mão de obra excedente por setores, como o de serviços, por exemplo, mostram desconsiderar que as inovações se generalizariam por toda a sociedade, colocando em cheque as noções de emprego e trabalho assalariado que caracterizaram o capitalismo até agora. Pode-se dizer que não é o trabalho em si que está em crise na atual fase capitalista e sim um tipo específico marcado pelo assalariamento acoplado com a regulamentação do mercado de trabalho resultante de conquistas do movimento operário e sindical durante o século XX.

A reação negativa à implantação das cooperativas de produção levanta a questão sobre alternativas ao assalariamento numa região de desenvolvimento econômico limitado e num contexto histórico de mudanças radicais na organização do trabalho capitalista. As denúncias sindicais, da própria delegacia do trabalho e outras entidades como Pastoral Operária e CUT, do Ceará (único estado onde essa reação existe) apontam, além das precárias condições de trabalho, a subordinação às empresas, verdadeiras gerentes das cooperativas. As propostas destes órgãos, constante em seminário realizado em agosto de 1997 visavam a derrubada do artigo 442 da CLT - a sustentação legal dessas cooperativas; a fiscalização das cooperativas pela DRT; e a assinatura da carteira profissional pelas empresas. Em outras palavras o fim das falsas cooperativas e a instauração do trabalho expandiu su producción alquilando más dos establecimientos y contratando cerca de 48 costureras.

La mayoría (40) está ocupada en la fabricación de gases quirúrgicos para una empresa de material hospitalario de Campina Grande; las demás confeccionan shorts y camisas que son vendidas por vendederas autónomas. Mantiene, sin embargo, las bordadoras, trabajando en casa.

Esta experiencia tiene su peculiaridad en la presidente de la cooperativa que es vista como su "dueña". Originalmente era la responsable por la contratación de los servicios de las costureras domiciliarias, y actualmente fue sustituida por su hija que funciona como "sucesora" en la dirección de la cooperativa. La remuneración de las costureras depende de la producción y, según declaración de una de las más antiguas y experimentadas "asociadas", mal da para sacar R\$ 80,00 (US\$ 53) y eso porque es la más rápida.

4. Trabajadores "asociados" y trabajadores asalariados.

El trabajo industrial hoy se caracteriza por la reducción continua de puestos de servicio resultante de las innovaciones tecnológicas y de gestión en un cuadro de competencia mundial. La reducción de costos pasó a significar reducción de la mano de obra ocupada. El aumento de productividad obtenido con esas innovaciones quita del sector industrial la importancia que tuvo durante este siglo en la ocupación de la fuerza de trabajo y en las luchas sociales que marcaron el período.

La fábrica dejó de ser el modelo de organización social del capitalismo y el escenario de las transformaciones sociales. El obrero fabril y sus movimientos ya no son más los mismos. Su contingente viene disminuyendo así como su fuerza económica y política. Sindicatos y partidos políticos orientados hacia ese segmento pierden progresivamente sus afiliados y banderas y buscan adaptarse a los nuevos tiempos, dentro de una pretendida inevitabilidad de cambios. Las luchas por la autonomía de la clase obrera, por un modelo alternativo de sociedad, por la reducción de la explotación del trabajo, se resumen, cada vez más, a la mantención de conquistas pasadas o a negociaciones de estas conquistas en nombre de la mantención del empleo.

Las previsiones de ocupación de la mano de obra excedente por sectores, como el de servicios, por ejemplo, desconsideran que las innovaciones se generalizarían por toda la sociedad, colocando en jaque las nociones de empleo y trabajo asalariado que caracterizaron el capitalismo hasta ahora. Se puede

assalariado. O modelo “cooperativa” não é percebido, pelo menos de forma explícita como alternativa.

Dessa forma, pode-se dizer que as reivindicações sindicais de trabalho assalariado possuem um papel importante em termos de denúncias de formas fraudulentas de exploração do trabalho, mas ainda não conseguem apontar possíveis saídas frente as transformações em curso que extrapolam o meramente local, regional ou nacional e que exige um repensar da situação como um todo.

O caráter “virtual” e móvel do novo capital produtivo permite-lhe deslocar -se continuamente em busca de melhores oportunidades. Fecham-se unidades, abrem-se outras onde as possibilidades de barateamento de custos são mais atraentes. Com isso, reivindicações dos trabalhadores cooperados são contrapostas com ameaças permanentes de transferências das empresas para outros lugares. A farta distribuição de incentivos fiscais pelos estados fazem com que as empresas tenham pouco a perder no computo geral dos custos/benefícios de deslocamentos.

As semelhanças, em conjunto com a diversidade de experiências das novas cooperativas no Nordeste, deram visibilidade à questões contemporâneas presentes nas novas relações institucionais entre empresas e entre empresas e outras formas de organizações do trabalho – tal como a cooperativa - nos processos de terceirização.

Para os trabalhadores, assim como acontece na empresa “terceira”, a cooperativa - da forma como esta sendo experimentada - representa precarização de suas condições de trabalho pela flexibilização “de fato” das relações de trabalho que acarreta. Pode-se falar de retrocesso frente ao trabalho assalariado e as conquistas dos trabalhadores, que bem ou mal garantem direitos mínimos. Todavia, há de se considerar o caráter contraditório existente nessas cooperativas, que ao mesmo tempo que escamoteia o assalariamento, coloca em pauta – em termos discursivos e de justificação ideológica do empreendimento - a autonomia do trabalho e do trabalhador.

5. Considerações finais

À luz da indigência das condições originais de trabalho/emprego no interior nordestino as cooperativas podem ser consideradas como um avanço. Afirmar a precarização do emprego em cidades do interior do Nordeste pressupõe a existência de emprego, e este, entendido como trabalho assalariado, praticamente não existe. Como apontado anteriormente, nessas cidades, *decir* que no es el trabajo en si que está en crisis en la actual fase

capitalista y sí un tipo específico marcado por el asalariamento acoplado a la reglamentación del mercado de trabajo resultante de conquistas del movimiento obrero y sindical durante el siglo XX.

La reacción negativa a la implantación de las cooperativas de producción levanta la cuestión sobre las alternativas al asalariamento en una región de desarrollo económico limitado y en un contexto histórico de cambios radicales en la organización del trabajo capitalista. Las denuncias sindicales, de la propia Justicia del trabajo y otras entidades, como Pastoral Obrera y CUT, de Ceará (único estado donde esa reacción existe) señalan, además de las precarias condiciones de trabajo, la subordinación a las empresas, verdaderas gerentes de las cooperativas. Las propuestas de estos órganos, una constante en el seminario realizado en agosto de 1997, pedían la extinción del artículo 442 de la CLT –la sustentación legal de esas cooperativas; la fiscalización de las cooperativas por la Justicia del Trabajo; y la legalización profesional por las empresas. En otras palabras el fin de las falsas cooperativas y la instauración del trabajo asalariado. El modelo "cooperativa" no es advertido, por lo menos de forma explícita, como alternativa.

De esa forma, se puede decir que las reivindicaciones sindicales de trabajo asalariado poseen un papel importante en términos de denuncias de formas fraudulentas de exploración del trabajo, pero todavía no consiguen señalar posibles salidas frente a las transformaciones en curso que extrapolan el meramente local, regional o nacional y que exige un repensar de la situación como un todo.

El carácter "virtual" y móvil del novo capital produtivo le permite desplazarse continuamente en búsqueda de mejores oportunidades. Unidades son clausuradas, otras son abiertas donde las posibilidades de barateamento de costos son más atrayentes. Con eso, reivindicaciones de los trabajadores asociados con amenazas permanentes de transferencias de las empresas para otros lugares. La amplia distribución de incentivos fiscales por los estados hacen con que las empresas tengan poco a perder en el computo general de los costos/beneficios de los desplazamientos.

Las similitudes, en conjunto con la diversidad de experiencias de las nuevas cooperativas en el Nordeste, dieron visibilidad a cuestiones contemporâneas presentes en las nuevas relaciones institucionales entre empresas, y entre empresas y otras formas de organizaciones del trabajo –tal como la existen apenas existen apenas funcionários públicos e

a informalidade do trabalho no comércio e na agricultura. Pode parecer ironia, mas um ganho mensal de R\$100,00 (US\$.66) em uma cidade sertaneja, onde a renda média anual, per capita, não fica distante deste montante, implica potencialmente numa circulação monetária nada desprezível no município. Para o trabalhador cooperativado permite uma dupla inserção: no mercado de consumo do qual esteve excluído até então; no mercado de trabalho, com a sociabilização que o trabalho coletivo provoca com a mudança, e o aumento do nível de informação e percepção de direitos e expectativas.

Em conversas com trabalhadoras cooperativadas e ex-cooperativadas do Pólo Confeccionista de Baturité esse processo fica perceptível nas reclamações feitas quanto às condições de trabalho com a centralização das cooperativas, e a crescente percepção do que significa o trabalho numa cooperativa. As trabalhadoras cooperadas alegavam que o horário de trabalho das 7:00 as 17:00 horas atrapalhava a organização doméstica (reivindicação, em certa medida, atendida em Pernambuco e Rio Grande do Norte); que o fechamento dos galpões das cooperativas tirava a possibilidade de estarem eventualmente em casa para a administração do cotidiano; do desconforto dos ônibus que levam até a fábrica e a perda de tempo que isso significa. Esse tipo de reivindicação, tem chegado aos prefeitos dos municípios, no sentido de permanência das cooperativas na comunidade. Já que a empresa taiwanesa não pretende a retomada da situação anterior, a luta é para que as prefeituras consigam vender a idéia para outra fábrica e se instalem, novamente, cooperativas.

Outra situação relatada, agora por ex-cooperativadas, foi a descoberta, depois de dois anos, que estavam sendo enganadas pela fábrica, no computo do pagamento das peças trabalhadas e a mudança de atitude - a conferência do material enviado à cooperativa. A esses exemplos podemos agregar paralisações em algumas unidades para exigir maior clareza sobre os ganhos e paralisações em cooperativas de calçados para exigir melhores condições de trabalho. Paralisações que evidenciam o caráter dúbio destas cooperativas e sua percepção pelos trabalhadores. Tal como trabalhadores assalariados as paralisações dirigem-se contra a fábrica vista como sonegadora de direitos que como trabalhadores teriam.

A percepção do trabalho autônomo da cooperativa é vista por sua negação. Inexiste e também é algo fora da cultura desses trabalhadores. A maioria nunca foi trabalhador assalariado e esta possibilidade é

Cooperativa - los procesos de subcontratación.

Para los trabajadores, así como acontece en la empresa subcontratada, la cooperativa –de la forma como está siendo experimentada– representa precarización de sus condiciones de trabajo por la flexibilización "de hecho" de las relaciones de trabajo que acarrea. Se puede hablar de retroceso frente al trabajo asalariado y las conquistas de los trabajadores, que bien o mal garantizan derechos mínimos. No obstante, hay que considerar el carácter contradictorio existente en esas cooperativas, que al tiempo que escamotea el asalariamento, coloca en pauta –en términos discursivos y de justificación ideológica de la empresa –la autonomía del trabajo y del trabajador.

5. Consideraciones finales

A la luz de la indigencia de las condiciones originales de trabajo/empleo en el interior nordestino las cooperativas pueden ser consideradas como un avance. Afirmar la precarización del empleo en pueblos del interior del Nordeste presupone la existencia de empleo, y este, entendido como trabajo asalariado, prácticamente no existe. Como fue señalado anteriormente, en esos pueblos, sólo hay funcionarios públicos y la informalidad del trabajo en el comercio y en la agricultura. Puede parecer irónico pero un ganho mensual de R\$ 100,00 (US\$ 66) en un pueblo, donde la renta media anual, per capita, no se queda distante de este valor, implica potencialmente en una circulación monetaria nada despreciable en el pueblo. Para el trabajador cooperativado permite una doble inserción: en el mercado de consumo del cual estuvo excluido hasta entonces; en el mercado de trabajo, con la socialización que el trabajo colectivo provoca con el cambio, el aumento del nivel de información y percepción de derechos y expectativas.

En conversaciones con trabajadoras asociadas y ex-asociadas del Pólo Confeccionista de Baturité ese proceso es perceptible en las quejas hechas cuanto a las condiciones de trabajo con la centralización de las cooperativas, y la creciente percepción de lo que significa el trabajo en una cooperativa. Las trabajadoras cooperadas alegaban que el horario de trabajo de las 7:00 a las 17:00 horas molestaba la organización doméstica (reivindicación, en cierta medida, atendida en Pernambuco y Río Grande del Norte); que el cierre de los galpones de las cooperativas quitaba la posibilidad de estar eventualmente en casa para la administración del cotidiano; de la molestia de los autobuses que las llevan hasta la fábrica y la pérdida de tiempo que eso significa. Ese tipo de reivindicación, ha llegado a los alcaldes de los municipios, en el sentido de permanencia

de las vista como altamente desejável pelos direitos formais que implicam. Conhecem o trabalho por conta própria para subsistência e o trabalho eventual para um patrão temporário, mas trabalho coletivo autônomo é uma novidade.

As experiências aqui expostas tem em comum a parceria estado-empresas e órgãos afins como SENAI, SEBRAE, OCEs e fogem da tendência da informalização do mercado. Ao contrário, vão no sentido da formalização das relações empresas e cooperativas podendo vir a significar una nova forma de relacionamiento com a mão de obra. Essa nova forma, ainda, mantém a subordinação da força de trabalho una vez que o controle sobre o trabalho continua com as empresas.

Dado o carácter recente dessas experiências fica difícil estabelecer tendências ou prognósticos acerca das posibilidades de se tornarem um opção de terceirização da produção ou de trabalho viável a médio ou longo prazo. O evidente, até agora, é que as cooperativas, para o bem e para o mal, têm resultado na ida de empresas para una região com escasas posibilidades económicas, provocando certa dinamização em termos locais e ocupando una mão de obra sem outras perspectivas

cooperativas en la comunidad. Ya que la empresa taiwanesa no pretende la retomada de la situación anterior, la lucha es para que los ayuntamientos consigan vender la idea para otra fábrica y se instalen, nuevamente, cooperativas.

Otra situación relatada, ahora por ex-asociadas, fue la descubierta, tras dos años, que estaban siendo engañadas por la fábrica en el computo del pago de las piezas trabajadas y el cambio de actitud – la conferencia del material enviado a la cooperativa. A esos ejemplos podemos agregar paralizaciones en algunas unidades para exigir mayor clareza sobre los sueldos y paralizaciones en cooperativas de calzados para exigir mejores condiciones de trabajo. Paralizaciones que evidencian el carácter dubio de estas cooperativas y la percepción por los trabajadores. Tal como los trabajadores asalariados las paralizaciones se dirigen contra la fábrica vista como sonegadora de derechos que los trabajadores tendrían.

La percepción del trabajo autónomo de la cooperativa es vista por su negación. No existe y también es algo fuera de la cultura de esos trabajadores. La mayoría nunca fue trabajador asalariado y esta posibilidad es vista como altamente deseable por los derechos formales que implican. Conocen el trabajo por cuenta propia para subsistencia y el trabajo eventual para un jefe temporario, pero trabajo colectivo autónomo es una novedad.

Las experiencias aquí expuestas tienen en común la parceria estado-empresas y órganos afines y huyen de la tendencia de la informalización del mercado. Al contrario, van en el sentido de la formalización de las relaciones entre empresas y cooperativas pudiendo llegar a significar una nueva forma de relacionamiento con la mano de obra. Esa nueva forma, sin embargo, mantiene la subordinação de las fuerzas de trabajo una vez que el control sobre el trabajo continua con las empresas.

Dado el carácter reciente de esas experiencias es difícil establecer tendencias o pronósticos acerca de las posibilidades de se traducir en una opción de subcontratación de la producción o de trabajo viable a medio o largo plazo. Lo evidente, hasta ahora, es que las cooperativas, para bien o para mal, han tenido como resultado la instalación de empresas en una región con escasas posibilidades económicas, provocando cierta dinamización económica y ocupando una mano de obra sin otras perspectivas.

Bibliografia :

- ABREU, A, GITAHY, L. ET AL. *Produção flexível e relações inter-firmas: a indústria de auto-peças em três regiões do Brasil*. Rio de Janeiro, Seminário “Produção Flexível e novas institucionalidades na América Latina, 18-20/09/1997.
- CAMARGO, José Márcio(org). *Flexibilidade no mercado de trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- DAL BOSCO, Sylvania. Algo de novo no sertão. *Revista Veja*, 21/08/1996
- DIARIO DO NORDESTE. Procuradoria investiga fraude em cooperativas; Empresas gaúchas e paulistas na lista de investigação; Entidades em Canindé estão sob suspeita; Empresário alerta para a competitividade; Secretário defende a legalidade do sistema..Cooperativas de Itapipoca são alvo de investigações; DRT investiga cooperativas; Presidente da Coita denuncia autoritarismo das empresas;Cooperada afirma que expulsões são injustas. Fortaleza, 26/10/1997 e 28/10/97.
- FARIA, Aparecido de. Terceirização: um desafio para o movimento sindical. In MARTINS, Heloisa T.S., e RAMALHO, José Ricardo. *Terceirização: diversidade e negociação no mundo do trabalho*. São Paulo, HUCITEC: CEDI/NETS, 1994.
- GOMES, Laurentino e TRAUMANN, Thomas. Procura-se gente para trabalhar. *Revista Veja*, 19/02/1996.
- HANSON, Gordon H. Industrial Organization and México-U.S. Free Trade: Evidence from the Mexican Garment Industry. In BONACICH, E., CHENG, L et.al. *Global Production. The Apparel Industry in the Pacific Rim*. Philadelphia, Temple University Press, 1994.
- HOLZMANN DA SILVA, Lorena. *Patrões ou empregados? Discurso e prática dos trabalhadores-proprietários das cooperativas industriais Wallig*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 1994.
- LEITE, Marcia de Paula. *Competitividade e trabalho na cadeia automotiva brasileira*. Rio de Janeiro: Seminário Produção flexível e novas institucionalidades na América Latina, 18-20/09/1997.
- LIMA, Jacob Carlos 1997. Negócios da China: a nova industrialização do Nordeste. *Novos Estudos Cebrap* (49), novembro, 1997.
- MARTINS, Heloisa de Souza e RAMALHO, José Ricardo(org.). *Terceirização: diversidade e negociação no mundo do trabalho*. São Paulo, HUCITEC-CEDI/NETS, 1994.
- MESSNER, Dirk. Dimensiones espaciales de la competitividad internacional. *Revista Latinoamericana de Estudios del Trabajo* 2(3), 1996.
- MOREIRA, Maria Vilma Coelho. Cooperativismo e desenvolvimento: o caso das cooperativas de confecções do Maciço de Baturité. *Política e Trabalho*(13), Setembro 1997.
- MOTA, Paulo. Negócio da China chega ao sertão cearense. *Folha de São Paulo*, 31/12/1995
- LIDA - Revista do Ministério do Trabalho Os sócios do suor., maio/jnho/1997.
- RAYMOND, Louis. *Cooperativas de mano de obra, em regresion o expansion?* Madrid, Ministerio del trabajo y Seguridad Social. Coleccion Informes OIT, 1986.
- SAFA, Helen . Export Manufacturing, State Policy, and Women Workers in the Dominican Republic. BONACICH, E., CHENG, L et. al. *Global Production. The Apparel Industry in the Pacific Rim*. Philadéphia, Temple University Press, 1994.